

EMERGENTES MUDAM PARADIGMA DA ECONOMIA GLOBALIZADA

PAÍSES QUE COMPÕEM OS BRICS INVERTEM LÓGICA DA
DOMINAÇÃO E ASSUMEM O PAPEL PRINCIPAL DO PROCESSO

EMERGING COUNTRIES CHANGE THE PARADIGM OF A GLOBALIZED ECONOMY

***COUNTRIES THAT MAKE UP THE BRIC REVERSE LOGIC OF
DOMINATION AND PLAY KEY ROLE IN THE PROCESS***

Por Paulo Marinho

A série de episódios que se abateram sobre as principais economias do mundo a partir de 2008 e seus reflexos – tsunamis para uns e marolinhas para alguns – ainda vão se fazer sentir por muito tempo. Quanto a isso não há dúvidas e nem o mais otimista dos analistas duvida. Mas qual será o desfecho daquele que já é considerado o primeiro grande impasse do mundo globalizado – comparado apenas ao crash da Bolsa de Valores de Nova Iorque, em 1929. Aqui as certezas acabam e as dúvidas têm início. A claudicante e ainda indefinida recuperação da economia americana – epicentro da crise – e os sérios problemas enfrentados pelos países da comunidade européia – irão comprometer seriamente a trajetória dos países emergentes? Estaria em curso a reconfiguração geopolítica do mundo? Nesse caso, de que maneira países como o Brasil – um dos integrantes dos Brics – devem se preparar para ocupar o lugar a eles reservado no futuro?

The series of episodes that hit major economies in the world since 2008 and its effects – tsunamis for some, ankle busters for others – are likely to be felt still for a long time. This seems to be as clear as water and not even the most optimistic analysts' doubt it. But what is the outcome of that which is already considered the first major deadlock in the globalized world – rivaled only by the crash of the New York Stock Exchange in 1929. Here the certainties end and doubts begin. Will the lame and also undefined recovery of the American economy – the epicenter of the crisis – and the serious problems faced by countries of the European community – seriously jeopardize the trajectory of emerging countries? Would the reconfiguration of the geopolitical world be happening? In this case, how countries like Brazil – one of the members of the BRICs – should prepare to take the place set aside for them in the future?



Já foi dito que projetar-se muito no futuro nos leva a viver o presente como se este fosse passado. A advertência, no entanto, não é levada muito em conta em tempos de crise. Nessas ocasiões, o que mais se lê e comenta são previsões, prognósticos e exercícios de futurologia. Todos, sem exceção, procuram adiantar o que vai acontecer. No afã de desvendar o que vai suceder no futuro – e satisfazer o imediatismo dos veículos e do público ansioso – esquecem de assinalar a substituição de um paradigma pelo outro que vai tomar seu lugar. Parece simplismo e é. E coube a um economista indiano, formado na respeitável universidade de Oxford, explicitar a nova realidade com todas as letras. “O velho paradigma em que os caras inteligentes da Europa e Estados Unidos nos passam sermão, dedo em riste, e dizem o que é certo e o que é errado, isso acabou” – declarou Rajiv Kumar, secretário geral da Federação da Câmara do Comércio e Indústria da Índia.

It has been said that projecting ourselves far into the future leads us to live the present as if it had already been gone. The warning is not taken much into account in times of crisis, though. On these occasions, forecasts, predictions and exercises in futurology are the most read and commented matters. All, with no exception, try to foresee what will happen. In an effort to unravel what will happen in the future – and meet the immediacy of vehicles and eager audience – they forget to mark the replacement of one paradigm by another that will take its place. It seems too simple and so it is. It was left to an Indian economist, educated at the respected University of Oxford, to explain the new reality with all letters. “The old paradigm in which the smart guys in Europe and the United States scold us, with a raised finger, and say what is right and what is wrong, is over” – said Rajiv Kumar, general secretary of the Commerce Chamber and Industry Federation of India.



Um outro episódio emblemático ocorrido em 2011 traduziu, com todas as letras, como mudou da água para o vinho – em tão pouco tempo – a relação dos chamados países desenvolvidos com o mais ilustre membro dos Brics – a China. Enviado ao mercado em busca de dinheiro, o chefe do resgate na zona europeia, Klaus Reging, foi a Pequim, e não a Washington – onde iria alguns poucos anos atrás. A missão não só não deu resultado, mas provocou reações de desdém entre as autoridades chinesas. A questão, portanto, não é mais o que a crise – que vem de fora – vai fazer conosco. E sim o que os emergentes – entre os quais o Brasil honrosamente se inclui – vão fazer para evitar seus eventuais efeitos.

Projeto nacional

Divulgado no final de novembro do ano passado, o documento “Mudanças na ordem Global: desafios para o desenvolvimento brasileiro” aborda de forma objetiva a crise econômica mundial e seus possíveis desdobramentos. Elaborado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) – órgão ligado à secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República – o trabalho assinala ser necessário entender as mudanças recentes na ordem global, sua lógica e tendências e, a partir daí, promover o projeto nacional de desenvolvimento. Essa reflexão – acrescenta o texto – inclui a identificação “dos grandes desafios (e oportunidades) que surgem num cenário de realinhamento de poder econômico e político entre as nações”.

A análise do IPEA, aliás, incorpora a seu discurso um velho pensamento oriental segundo o qual “crise é oportunidade”. E é lá mesmo, no Oriente, que reside um dos protagonistas mais importantes da complexa equação em que se transformou a economia mundial. O formidável crescimento econômico chinês – solidamente alicerçado em dois dígitos ao longo de uma década – pode arrefecer no futuro próximo e impactar negativamente as atividades produtivas – já

A questão agora é saber o que os emergentes vão fazer para driblar a crise

The question now is knowing what the emergent countries will do to dodge the crisis

Another symbolic episode that occurred in 2011 made explicit the fact that things changed completely and so rapidly in terms of the relationship between the so called developed countries and the most illustrious member of the BRICs – China. Sent to the market in search for money, the head of the rescue in the European region, Klaus Reging, went to Beijing, not Washington – where he would go a few years ago.

The mission was successful, but caused reactions of disdain among the Chinese authorities. The question therefore is no longer what the crisis – that comes from the outside – will do to us, but what will the emerging countries – that honorably

include Brazil – will do to avoid its occasional effects.

National development project

Released in late November last year, the document “Changes in the Global Order: Challenges to the Brazilian development” objectively addresses the global economic crisis and its possible consequences. Prepared by the Institute of Applied Economic Research (IPEA) – a body linked to the Secretariat for Strategic Affairs of the Presidency – the work indicates the need to understand the recent changes in global order, its logic and trends and, thereafter, to promote a national development project. This reflection – says the text – includes the identification “of the main challenges (and opportunities) arising in a scenario of realignment of political and economic power among nations”.

The analysis of the IPEA, in fact, incorporates into its speech an old Eastern thought that “crisis is opportunity”. And it is indeed in the east that lays one of the most important protagonists of the complex equation that transformed the world economy. The formidable Chinese economic growth – firmly rooted in double digits over a decade – can cool down in the near future and negatively impact productive activities – as the Asian giant took the

que o gigante asiático subiu ao podium dos grandes parceiros comerciais do mundo globalizado. Assim é que uma expansão abaixo de 6% estaria mais próxima a uma recessão para os gigantes chineses trazendo grande preocupação ao resto do mundo.

No pior dos mundos possíveis, um duplo mergulho recessivo da economia americana (a maior consumidora de bens e serviços do planeta) e o recrudescimento da crise europeia – com a saída da Grécia da CEE – daria à crise contornos catastróficos. O déficit dos países europeus é tão preocupante que o presidente francês Nicolas Sarkozy e a chanceler alemã Angela Merkel estão propondo a criação de um imposto sobre transações financeiras. Inspirado na Taxa Tobin – proposta pelo economista James Tobin em 1972 para erradicar a miséria – a taxa foi o sonho de uma noite de verão do movimento antiglobalização nos anos 90 – que assumiu a defesa do imposto para impor limites à ganância dos mercados financeiros.

Troca de papéis

O mais recente episódio dessa história narra como a agência de classificação de risco Standard & Poors – responsável pelo rebaixamento dos Estados Unidos em agosto do ano passado – reduziu também a nota da França de “AAA” para “A+”. Não satisfeita com a medida, a instituição rebaixou ainda a nota de outros oito países da zona do euro – entre eles Itália, Espanha e Portugal – e a classificação do próprio Fundo Europeu de Estabilidade Financeira (criado para resgatar países em dificuldade). Com um cenário desses, a única certeza é que o futuro é incerto. Até porque, os protagonistas envolvidos na trama são muitos e a maioria deles integra o reservado clube das mais ilustres nações. Os papéis dos atores principais parecem bem delineados. Afinal, é unânime que os Estados Unidos e os países da zona do euro levarão alguns anos para superar as dificuldades.



Mundo volta suas baterias para as últimas fronteiras do desenvolvimento

World turns its energy to the ultimate boundaries of development

podium of major trading partners of the globalized world. The truth is that a growth below 6% would be closer to recession than growth for the Chinese giant, and it would cause great concern to the rest of the world.

In a worst case scenario, a double recession dip of the U.S. economy (the largest consumer of goods and services on the planet) and the intensification of the European crisis – with the exit of Greece from the EEC – would make the crisis catastrophic. The deficit of the European countries is so worrying that French President Nicolas Sarkozy and German Chancellor Angela Merkel are proposing the creation of a tax

on financial transactions.

Inspired in the Tobin tax – proposed by economist James Tobin in 1972 to eradicate poverty – taxation was the dream of a summer's night for the antiglobalization movement in the 1990s –, which took over the defense of tax to impose limits on the greed of financial markets.

Exchanging roles

The latest episode of this story tells how the rating agency Standard & Poors – responsible for lowering the United States in August last year – also downgraded France from “AAA” to “A+”. Not satisfied with the measure, the institution has lowered the grade of eight other countries in the Euro zone – including Italy, Spain and Portugal – and the classification of their own European Financial Stability Fund (created to rescue countries in difficulty). In such a scenario, the only certainty is that the future is uncertain. That is so because the actors involved in the plot are many and most of them part of the restricted club of the world's most illustrious nations. The roles of the main actors seem well defined. After all, there is a consensus that the United States and the countries of the Euro zone will take some years to overcome difficulties.

Mas, o que vai acontecer com os países coadjuvantes que crescem no desenrolar do enredo, roubam a cena e assumem o *status* de protagonistas. Ainda de acordo com o documento do IPEA, o crescimento da demanda global se concentrou fundamentalmente nos BRICs nos últimos anos, sobretudo durante e depois da crise internacional. O texto assinala que só no período 2008/2009, o grupo foi responsável por 2/3 do crescimento das compras globais e a expectativa é de que os emergentes sigam contribuindo de forma significativa. Até porque, sublinha o trabalho, as causas que geraram a crise financeira internacional persistem sem qualquer resolução e isso sugere, cada vez mais, que as turbulências serão de longa duração.

Hora da virada

Outro a enxergar uma oportunidade no fim do túnel, o professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e presidente da Associação Keynesiana Brasileira (AKB), Luiz Fernando de Paula, entende que o Brasil pode aproveitar a ocasião para “fazer uma virada, crescendo para o mercado interno, sem se descuidar do problema da restrição externa”. A receita para driblar a crise e sair dela fortalecido, aliás, já foi prescrita anteriormente e deu resultado. No momento mais grave da retração das atividades produtivas, o governo brasileiro apostou no mercado interno e criou facilidades – via crédito fácil e isenções fiscais – em setores produtivos que geram empregos e retorno social garantido.

Na ocasião, o aumento do poder aquisitivo da população – elevado com os reajustes reais do salário mínimo e os programas sociais – alavancaram o consumo, com destaque especial para as vendas de automóveis, motocicletas e eletrodomésticos. Com isso, a roda da economia continuou rodando e um ciclo virtuoso confirmou os prognósticos do então presidente Luis Inácio Lula da Silva. Mas, será que a manutenção da mesma medicação será suficiente para conduzir nossa economia no futuro incerto que se avizinha? Um bom número de observadores entende que não, até porque a dose dos incentivos aplicados – crédito e isenções – foi sensivelmente diminuída.

Ultima fronteira

A saída, mais uma vez, está numa zona fora do chamado mundo desenvolvido. Diante da iminente queda da demanda mundial por *commodities*, carro-chefe da

But what will happen to supporting countries that grow in the course of the plot? They steal the scene and assume the status of leading players. Still according to the document released by the IPEA, the growth in global demand was concentrated mainly in the BRICs in recent years, particularly during and after the international crisis. The text points out that in 2008/2009 only, the group was responsible for two thirds of the increase in global purchasing and expectations are that the emerging countries will continue to contribute significantly. Still according to the document, the reasons causing the international financial crisis remain unsolved, which suggests, more and more, that the turmoil will last long.

The turn of the tide

Another person who sees an opportunity in the end of the tunnel is the professor at the State University of Rio de Janeiro (UERJ) and president of the Brazilian Keynesian Association (AKB), Luiz Fernando de Paula, who believes that Brazil could take the opportunity to “make a turn, focusing on the domestic market, without neglecting the problem of external constraint”. The lesson on how to dodge the crisis and get out of it stronger has, by the way, been previously given, with good results. At the most severe contraction in productive activities, the Brazilian government invested in the domestic market and facilitated the operations of the manufacturing industry – via easy credit and tax exemptions –, generating employment and guaranteeing social return.

On that occasion, the increased purchasing power of the population – with the high actual wage increases and social programs – leveraged consumption with particular emphasis on sales of automobiles, motorcycles and home appliances. Thus, the wheel of the economy continued spinning and a virtuous cycle confirmed the predictions of President Luis Inácio Lula da Silva. But will maintaining the same remedy be enough to conduct our economy during the uncertain future that lies ahead? For a number of observers this is not true, because the dose of incentives applied – credit and exemptions – has been significantly decreased.

Last frontier

The way out, once again, lies in an area outside the so-called developed world. Given the imminent decline in global demand for commodities – flagship

pauta de exportações nacional, a solução é voltar nossas atenções para a última fronteira comercial do planeta: a África. E isso já está acontecendo. Não é à toa, aliás, que a China já assentou suas baterias na direção do continente que, segundo o escritor Joseph Ki-Zerbo, padece porque “produz o que não consome e consome o que não produz”. As possibilidades, portanto, são alvissareiras. Afinal de contas, o continente, formado por 53 países, tem crescimento econômico e potencial de consumo invejáveis. E o leque de oportunidades de negócios é variado e passa pela construção civil, infraestrutura, exploração de minérios e petróleo e agricultura.

O horizonte também reserva ao Brasil outro aspecto que lhe é altamente favorável: o calendário esportivo. Eventos como a Copa do Mundo de Futebol, em 2014, e os Jogos Olímpicos, em 2016, vão manter o mercado de obras públicas muito aquecido. E essas intervenções pesadas, como a construção e adequação de estádios, demandam insumos e mão de obra intensiva. E o exemplo, mais uma vez, vem do gigante asiático – país recorrente quando o tema é o futuro da economia global. Nos anos que antecederam as Olimpíadas realizadas em Pequim, em 2010, a China foi responsável pelo formidável aumento da demanda por *commodities*, entre elas o aço. À época, a expressão “negócio da China” foi muito usada em publicações, entre elas este “Panorama do Aço”, para titular matérias econômicas.

Não restam dúvidas, portanto, quanto ao papel das economias emergentes – sobretudo as asiáticas – nos próximos anos: elas tendem a crescer a taxas muito maiores que as experimentadas pelos países desenvolvidos. Essa tendência, por si só, não garante a países como o Brasil o melhor dos mundos possíveis. O trabalho “Mudanças na ordem Global: desafios para o desenvolvimento brasileiro”, do IPEA, faz uma ponderação muito oportuna. De acordo com o texto, o patrimônio natural do país não deve ser objeto de mera exportação de recursos minerais, destinados a reduzir os problemas de outras sociedades à custa da dilapidação acelerada de nossas riquezas. “Seria manter e mesmo reavivar uma condição de dependência que é um problema histórico da formação da sociedade brasileira” – acrescenta a análise.

Nada disso, no entanto, nos permite afirmar como será o amanhã. Afinal de contas, a experiência mostra, conforme afirmou J.M. Keynes, que “o que acontece é sempre algo contra o qual nunca nos prevenimos”.

of the national export basket – the solution is to turn our attention to the planet’s last commercial frontier: Africa. And this is already happening. No wonder that China has already settled their batteries in the direction of the continent that, according to writer Joseph Ki-Zerbo, suffers because it “produces what it does not consume and consumes what it does not produce”. Possibilities, therefore, are auspicious. After all, the continent, comprising 53 countries, has enviable potential for economic growth and consumption. And the range of business opportunities is varied and includes construction, infrastructure, mineral and oil exploitation, and agriculture.

The future also reserves to Brazil another aspect which is highly favorable: the sports calendar. Events such as the FIFA World Cup in 2014 and the Olympic Games in 2016 will keep the market of public works quite hot. And such heavy interventions, i.e. the construction and adaptation of stadiums, require inputs and intensive labor. The example, again, comes from the Asian giant – recurring country when the subject is the future of the global economy. In the years before the Olympics held in Beijing in 2010, China was responsible for the tremendous increase in demand for commodities, including steel. At the time, the expression “business of China” was widely used in publications, including this “Steel Panorama,” as the title of many stories on economics.

There is no doubt, therefore, on the role of the emerging economies – especially those in Asia – over the coming years: they tend to grow at rates much higher than those experienced by developed countries. This trend, by itself, does not ensure that countries like Brazil will live in the best of possible worlds. The paper “Changes in the Global Order: Challenges for the development of Brazil,” by the IPEA, presents a very timely consideration. According to the text, the country’s natural heritage should not be the object of mere export of mineral resources to reduce the problems of other companies at the expense of the accelerated squandering of our wealth. “It would be the same as maintaining or even renewing a state of dependency that is a historic problem in the roots of the Brazilian society” – says the analysis.

Nothing, however, allows us to state how tomorrow will be. After all, experience shows, as J.M. Keynes said that “The expected never happens; it is the unexpected always”.